

**IV JORNADA SUL-BRASILEIRA DE CARTÉIS**  
**2021**  
**ANNELISE HARTINI HILLING**

**Laços, Significantes e Desejo**

Nasci em um lar estritamente feminino, éramos 13 mulheres e eu a mais nova. Cresci aprendendo os “afazeres ditos de mulheres”, cozinhar, lavar, costurar, bordar. Minha mãe se destacou entre todas pela sua habilidade em fazer tricô.

Por causa desta habilidade ela produzia coisas, entre elas blusas, muitas blusas. De todas as cores, modelos e pontos. Achava mágico como dois pedaços de madeira e uma linha podiam fazer tantas coisas. Olhava minha mãe, na agilidade de transpor as agulhas, de girar a linha e ver o tecido que dali saia. Ficava encantada de como de tão poucas coisas podiam sair tantas coisas diferentes.

Fui crescendo nas rodas de tricô da minha mãe, ela se reunia com suas amigas e passavam a tarde no meio de tricotadas, cigarros, lanches e muitas conversas. Mas para mim o momento mais interessante, era quando elas explicavam uma para as outras como se fazia um determinado “ponto”. O ponto era determinado pela maneira que a agulha atravessava a lã para fazer um laço, e à medida que isto era repetidamente feito, um tipo de tecido era produzido pela lã.

As vezes um problema acontecia, ou pela maneira que as agulhas se transpassavam ou pela forma que o laço havia sido feito. Mas só muitas carreiras depois é que o erro podia ser percebido. As vezes o erro era quase imperceptível que nem precisava ser desfeito. Outras vezes muito trabalho era desmanchado para reparar aquele ponto que havia sido perdido. Outras vezes o laço era tão difícil de ser reparado que era melhor começar tudo de volta.

Tive inúmeras blusas de tricô feitas nestas rodas, nem sei te contar quantas, nenhuma serve mais em mim, ainda guardo algumas de recordação, mas não canso de ficar maravilhada com os pontos, transpasses e laços até hoje.

Acho que por isto me encantei pela psicanálise. A cada sessão escuto o paciente me explicando os laços e transpasses da sua vida e como o seu tecido é formado. Tecido chamado vida, que não dá para voltar atrás, desfazer os laços, livrar-se dos atravessamentos. O que

podemos fazer é falar para articularmos um recomeço, tentar ressignificar ou simplesmente largar-se a novas tentativas.

O cartel foi isto para mim, uma nova tentativa de estudo, depois de anos que havia saído da faculdade, passado por muitas supervisões e estudado apenas em instituições acadêmicas. Não tinha ainda passado por uma instituição de psicanálise, tinha uma certa resistência a descobrir que não sabia nada, diante de tanta gente que estuda tanto.

Mas fui fisgada por dois motivos. O primeiro era o tema: Desejo. Ahh quem não é fisgado pelo desejo. O segundo a curiosidade de estudar mais a fundo Lacan, que para mim era sempre um grande mistério e a muito tempo queria me debruçar com mais calma sobre seus textos.

No dia 07/04/2020 o Robson Mello, que naquela época era o coordenador de carteis montou o nosso grupo de WhatsApp, fizemos nossa primeira reunião com a coordenação dia 10/04 e dia 17/04 fizemos nossa primeira reunião online. Não tínhamos outra opção, uma vez que uma pandemia estava instaurada e, algo do real já nos transpassou para darmos continuidade ao nosso desejo.

Nesta primeira reunião, como grupo, tentamos traçar uma lógica de leitura dos textos, mas hoje me pergunto se existe alguma lógica para construção do desejo senão a lógica de cada um.

Começamos pelo Mito de Antígona. Ler um pouco sobre os filhos de Édipo e realizar o quão contemporâneo é o conflito da busca de um acordo entre desejo pessoal e o Outro. Perceber que sempre há esta luta onde algo irá morrer, e que cabe a nós nos responsabilizarmos por estas escolhas. Antígona não abandona seu desejo e preferiu correr o risco de morrer para honrar seu irmão. Para quem não leu o Mito, não farei mais nenhuma alusão a ela para evitar spoilers. Mas vale a pena encarar a leitura!

Movidos pelo desejo de mais, passamos para os textos mais teóricos. Mas ainda sem muita coragem de cair em Lacan. Começamos pelo dicionário da Rudinesco com a sua definição e vimos que não escaparíamos de entender um pouco de Hegler (outro susto). Porém preferimos esquecer um pouco dele e passamos para os textos freudianos que nos davam pistas sobre o desejo.

Na “Interpretação dos Sonhos” vislumbramos como os sonhos são verdadeiras pistas para os desejos que estão no nosso inconsciente. Em “Formulações sobre o princípio do funcionamento psíquico”, Freud descreve como a busca do prazer e a evitação do desprazer é o objetivo

do aparelho psíquico. No “Além do Princípio do Prazer” vimos os impasses colocados pela compulsão a repetição que mostra o caráter regressivo da pulsão e, que esta característica supera o princípio do prazer, trazendo um dualismo entre a pulsão de morte e pulsão de vida, reafirmando a posição de comando do inconsciente e, também, do desejo.

Ao lermos o Projeto para uma Psicologia Científica, em um dos seus primeiros textos em 1895, Freud usa todo o alfabeto grego para demonstrar as cadeias de neurônios e a forma que estes acumulam a informação de desconforto e, depois, descarregam ao serem satisfeitos. Enquanto ele explica isto, de repente, ele nos apresenta o que chama de desejo. Uso as palavras dele:

“ Assim, como resultado da experiência de satisfação, há uma facilitação entre duas imagens mnêmicas e os neurônios nucleares que ficam catexizados em estado de urgência. Junto com a descarga de satisfação, não há dúvida que a Q se esvai também das imagens mnêmicas. Ora, com o reaparecimento **do estado de urgência** ou de **desejo**, a catexia também passa para as suas lembranças reativando-as. É provável que a imagem mnêmica do objeto será ativada pela **ativação do desejo**.

Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do **desejo** produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma **alucinação**. Quando uma ação reflexa é introduzida em seguida a esta, a consequência inevitável é o **desapontamento**.” – Projeto para uma psicologia científica (Obras Completas, volume 1, Imago pg 371)

Incrível ver como os textos freudianos são contemporâneos. Neste momento, fui fisgada mais uma vez pela amplitude do conceito de desejo, que vai muito além de um querer, muito além de um prazer, mas sim é um movimento onde imagens, pulsões, prazeres e desprazeres são enlaçados e fazem um nó, um ponto no caminho da vida. E passei a pensar cada vez mais no desejo como este enlace, que tentamos significar, que faz com que a gente faça um tecido da nossa vida, cheio de encontros, desencontros, tentativas e ensaios de trazer um motivo para as nossas angústias e questões.

Neste momento, como grupo e pessoalmente, já estávamos bem seguros para ler Lacan. E foi muito legal perceber o quão perspicaz ele foi. Ele leu os detalhes da obra freudiana, alargando o conceito e pavimentando uma estrada que estava aberta por Freud. E foi assim

que começamos a ler o seminário 5, “as formações do inconsciente”. Escolhemos este seminário pois é onde se encontra o grafo do desejo. E que surpresa.... cheguei à conclusão que os textos Lacanianos são “complexos” e, como tudo que é complexo, exige da gente pensar, refletir, e colocar nossos conhecimentos a prova.

Mas quero colocar mais algumas coisas que conclui nas nossas leituras para estas “notas de cartel” sobre o desejo:

- A primeira coisa é que somos todos atravessados por um discurso que nos é posto desde que nascemos, o discurso que se encontra no Outro como meu companheiro de linguagem, e que deixa uma marca significativa na minha trajetória.

- A segunda é que o significante é o percurso do analisante em busca de um sentido. Por isto, nós enquanto analistas, escutamos este percurso que engloba as possibilidades de decomposição, reinterpretação, de ressonância e de afetos metafóricos e metonímicos. Não podemos nos ater aos significados, mas devemos nos ocupar do trajeto, dos significantes que se encadeiam e vão tecendo a vida do analisante.

- A terceira é que, quando encontramos o sentido de algo, recalamos o significante, recalamos a trajetória. Devemos estar realmente atentos a este percurso, pois o que vale não é o sentido em si, mas o caminho significativo, posicionado em nosso desejo que nos faz chegar até algum lugar.

- A quarta é que o processo de análise não é encontrar o sentido, o significado, mas sim percorrer as cadeias significantes para gerar ressignificados. Já tinha lido muitas vezes esta frase de efeito, mas percorrer este caminho de leitura e descobertas, gerou em mim um significante e não meras palavras que fazem sentido.

- E quinto é que os lapsos, chistes, sonhos, sintomas nos trazem pistas destas trajetórias. Pistas que não queremos lembrar, por serem traumáticas, por que nos fazem lembrar o que realmente somos, seres sem sentido, sem significado. Mas cheios de significantes....

E por último e não menos importante é que a nossa trajetória é desejante, é significante.... é desejante do desejo do Outro, sem isto não existe atravessamento, não existe enlace, não existe tecido social, não existe vida.

Quero agradecer imensamente aos meus colegas de cartel, Joana, Adriana e Ítalo que percorreram comigo este caminho e que fez

deste ano pandêmico algo tão significativo. Valeu meus queridos...construí com vocês um laço que marca a minha vida. Como minha mãe tricotava com suas amigas, nós tricotamos as nossas leituras, nossas experiências analíticas, histórias de pacientes e principalmente nosso desejo.